ESTE É O MAR

MARIANA ENRIQUEZ

ESTE É O MAR

TRADUÇÃO DE ELISA MENEZES

Copyright © 2017, Mariana Enriquez

Publicado originalmente na Argentina em 2017
Publicado mediante acordo com Casanovas & Linch Agencia Literaria S.L.

TÍTULO ORIGINAL
Éste es el mar

PREPARAÇÃO
Mariana Rimoli
André Marinho

REVISÃO
Luiz Felipe Fonseca
Carolina Rodrigues

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

IMAGEM DE MIOLO
Shutterstock

ARTE DE CAPA
Estúdio Insólito

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

E52e

Enriquez, Mariana, 1973-
Este é o mar / Mariana Enriquez ; tradução Elisa Menezes. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2019.
176 p. ; 21 cm.

Tradução de: Éste es el mar
ISBN 978-85-510-0500-2
1. Romance argentino. I. Menezes, Elisa. II. Título.

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

[2019]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Oh the boys on the radio
They crash and burn
They fold and fade so slow
In your endless summer night
I'll be on the other side
When you're beautiful and dying
All the world that you've denied
When the water is too deep
You can close your eyes and really sleep tonight

HOLE, "Boys on the Radio"

Sur mes cahiers d'écolier
Sur mon pupitre et les arbres
Sur le sable sur la neige
J'écris ton nom

Sur toutes les pages lues
Sur toutes les pages blanches
Pierre sang papier ou cendre
J'écris ton nom

PAUL ÉLUARD, "Liberté"

Ah, os garotos no rádio
Tentam e fracassam
Desistem e somem tão devagar
Na noite eterna de verão
Eu estarei do outro lado
Quando você estiver lindo e morrendo
O mundo que você negou totalmente
Quando a água for muito funda
Você pode fechar os olhos e dormir de verdade esta noite

HOLE, "Os garotos no rádio"

Nos meus cadernos da escola
Na minha mesa e nas árvores
Na areia na neve
Escrevo teu nome

Nas páginas lidas
Nas páginas brancas
Pedra sangue papel ou cinzas
Escrevo teu nome

PAUL ÉLUARD, "Liberdade"

Ergueu a cabeça para procurar o cheiro de desespero de que precisava. Tinha que fazer um sacrifício. Nunca a notariam se não se arriscasse. Desde quando era a melhor do Enxame? O tempo era diferente para elas, que viviam para sempre, mas na eternidade o tempo se arrastava, era lentíssimo. Era cada vez mais difícil para ela esquecer o desejo de ficar parada; de deixar de gritar e correr e zumbir e sussurrar e chorar.

Transformou-se e deixou-se flutuar sobre o grupo de garotas sentadas no gramado da praça. Havia escolhido, sem hesitar, as fãs da Fallen.

Nelas era maior a chance de sacrifício. Aquele cheiro de que necessitava, cebola e sabão, perfume de flores feias, estava entre elas.

Primeiro viu os braços da garota. Não a deixavam se tatuar, por isso desenhava os símbolos da Fallen — dois triângulos, um par de asas, a runa Dagaz — com canetinha. Nas bochechas, com a mesma caneta, havia escrito James James James. O nome do vocalista da Fallen, razão daquele odor pungente e pesado. O cheiro de que precisava. Quando tomou forma humana, passou a imitar a expressão da garota triste. A garota das pernas grossas, quadril sem forma e cabelo comprido e escuro. Seu trabalho era falar com ela, ganhar sua confiança. Helena também era uma fã, mas não era humana. Isso ela sabia, e nada muito além, porque a vida dentro do Enxame era frenética e não havia tempo para saber nem para escutar.

Toda a sua espécie vivia em movimento perpétuo e nunca dormia, como os tubarões. Todas as noites iam gritar em algum show, geralmente em países diferentes. Todos os dias tinham de fazer vigília diante de um hotel, da porta de um teatro ou de um estádio,

com o rosto pintado com corações e logomarcas, as mãos agarradas a pôsteres, chorando e esperneando. Deviam ler todas as entrevistas e decorar as respostas, repeti-las, citá-las. Tinham de entrar nas redes sociais, nos fóruns e tumblrs e facebooks e snapchats e instagrams e youtube e twittar e postar, deixar comentários, criar boatos, ameaças de suicídio. Deviam fazer amizade com as fãs reais e conseguir para elas objetos valiosos, discos e fotos autografadas, algum RT ou, melhor ainda, um follow, até uma DM. Alguma camiseta esgotada, a chance de estar na primeira fila — ela era especialmente boa em atravessar multidões e sempre, sempre ficava na grade, de mãos dadas com uma garota, alguma menina baixinha e desesperada que chorava o tempo inteiro. Precisavam convencer essas fãs humanas a fazer muitas coisas: decorar os quartos com fotos dos ídolos, tatuar seus nomes e as logos das bandas, jurar lealdade, roubar dinheiro — dos pais, de qualquer pessoa — para ir aos shows, comprar todos os produtos oficiais e conseguir cada nova versão, cada vídeo, cada foto, passar dez, doze horas on-line trabalhando, repostando, subindo fo-

tos, vídeos, comentando e rastreando. O trabalho havia se tornado enlouquecedor nesses anos digitais, porque os vídeos as fotos as músicas spotify twitter facebook tumblr youtube instagram não acabavam nunca, completar uma coleção era impossível, ver tudo era impossível. Muitas colegas haviam decidido desaparecer, exaustas; bastava não se moverem, ficarem paradas por um longo tempo e elas evaporavam.

Helena não questionava sua forma de vida, mas sabia que podia ter outra. Por isso havia permanecido em movimento mesmo quando o cansaço a fazia tremer. Queria conhecer a Costa. Queria deixar de ser parte do Enxame, vírus; queria conhecer sua origem, queria ir à Casa. E isso só se conseguia — ela havia visto durante todos os anos de zumbido e movimento — trabalhando bem. Era preciso fazer uma Estrela se destacar mais que todas as outras, fazê-la brilhar e brilhar, envernizada de lágrimas e umidade. Só então seria possível transformar essa Estrela em Lenda e assim elevar-se, transformar-se em Luminosa, chegar à Costa.

E para isso, acreditava ela, era necessário um sacrifício; essa garota de pernas grossas sentada no

gramado de uma praça em Santiago do Chile ia ser o dela.

As fãs reais nunca se davam conta. Ninguém sabia sobre o Enxame. Nem sequer imaginavam que muitas dessas garotas que também arranhavam o rosto e amavam loucamente não eram humanas. Que estavam ali desde sempre, nem elas mesmas sabiam havia quanto tempo, sempre presentes como exemplos a serem imitados, obrigando-as a venerar e desejar, a se entregarem loucamente. Sempre se surpreendia com tanta credulidade, tanta inocência, com quão desprotegidas eram as garotas reais.

O nome do sacrifício era Estefânia, tinha quatorze anos, frequentava o colégio Nuestra Señora del Huerto e odiava os pais ricos, porque a haviam proibido de ir ao show da Fallen; era a primeira vez que a banda tocava em Santiago. Não tinha ingresso, não lhe havia ocorrido roubar para arranjar um, tinha ido ao encontro na praça Porrúa para ver se conseguia comprar o ingresso de alguém, ou se arrumava um convite. Contava sua tragédia com as mãos tremendo, os olhos vermelhos do choro.

— Eu posso ajudar você — disse a ela.

Disse também que se chamava Helena. Não tinha nome, no Enxame não havia nomes, mas nos últimos tempos, quando aparecia para as fãs reais, usava Helena. Havia gostado da garota. Tomou-a pelo braço, caminharam juntas até a estação de metrô; Helena a fez descer.

— Não quero que nos vejam — disse.

Ao lado dos trilhos, no silêncio trêmulo que fazia o ar vibrar entre os trens, Helena vasculhou um bolso e tirou um Ingresso Dourado.

— É seu.

A garota-sacrifício, Estefânia, chorava e perguntava por quê, por quê. Helena respondeu:

— É um presente.

Um Ingresso Dourado era o bem mais precioso: era muito caro, mas quem o adquiria ganhava o direito de subir ao palco com James durante uma música e, depois do show, conhecê-lo pessoalmente em um breve encontro com outras fãs. Helena havia presenteado a garota com o Ingresso apesar de saber, porque ela mesma tinha planejado, que Estefâ-

nia não iria ao show, que não conseguiria permissão dos pais. Contou a ela como James era amável durante os encontros com as fãs, que duravam muito mais do que o previsto. Disse a ela que talvez fosse a última apresentação da Fallen no Chile porque tinham dito em várias entrevistas que "precisavam de um descanso".

— Não querem dizer que vão se separar, mas já está decidido — sussurrou. — Esta é a última turnê.

— E se meus pais não me deixarem ir? — perguntou Estefânia.

As luzes do trem iluminaram o túnel, e Helena abraçou a garota antes de ela ir embora.

— Então você vai ter que fugir. É um Ingresso Dourado!

Havia escolhido bem, pensou Helena antes de se evaporar no calor do vagão. A menina era fraca e estúpida e covarde. Subiu correndo a escada e não voltou ao encontro na praça. Não falou com os pais e, no dia seguinte, conseguiu fugir. Mas, quando pegou um táxi para o terminal de ônibus — o ponto de encontro das fãs que iam ao show, que aconteceria

num estádio nos arredores de Santiago —, Helena ligou para os pais da garota para avisá-los da fuga. Eles a pegaram no terminal, segundos antes de subir no ônibus. Levaram-na arrastada. As coxas grossas rasgaram a meia-calça arrastão e, enquanto ela esperneava no chão, a barriga branca e flácida ficou à mostra. Outras fãs que entravam no micro-ônibus riram dela. Não muitas: a maioria gritava que a deixassem em paz. Mas a garota só escutou os risos.

Naquela noite não dormiu e chorou horas e horas na cama, com o Ingresso Dourado nas mãos. Pela manhã tomou veneno de rato. Morreu dois dias depois. Havia sofrido muito, diziam as amigas. Helena foi ao funeral: deu as mãos a outras fãs que, junto da família e do caixão, cantavam "This Is the Sea", a música favorita de Estefânia.

Helena esperava que as Luminosas a buscassem naquele mesmo dia: James Evans estava brilhando como nunca. Mas elas não apareceram. Nem naquele dia nem no seguinte, durante o enterro no cemitério, embora Helena esperasse ansiosamente.

Demoraram um ano humano para tirá-la do Enxame.

Helena sempre desejou ser uma Luminosa porque na Costa havia descanso e poder, uma casa e um nome. Mas, apesar de desejar tanto aquilo, quando foram buscá-la, ela não percebeu. Achou que as três mulheres que se aproximavam eram humanas. Tinham o cheiro de sangue das humanas, o hálito perfumado e aquela maneira meio pesada de caminhar que deviam imitar no Enxame quando se misturavam às fãs reais. As mulheres a levaram flutuando. Helena escutou um bater de asas, mas não as viu. O Enxame gemeu e zumbiu durante toda a noite, dividido entre a comemoração e a inveja.

Havia muito a aprender. Não existia apenas uma Casa, como murmurava o Enxame. Existiam muitas Casas, e as que viviam na Costa

transitavam entre elas, conforme lhes apetecesse. Tinham uma mãe que raramente era vista ou convocada; a mãe Hécate. No Enxame acreditava-se que isso era uma Lenda, uma mentira, mas as Luminosas riam de tanta ignorância. E tinham irmãs mais velhas: Perséfone, sob a terra, com flores no cabelo; e as Imago, escondidas entre aranhas em lugares secos e escuros, a quem não se devia olhar nos olhos.

Helena precisava se acostumar com seu novo corpo. Agora que estava fora do Enxame, seu corpo não era mais o de uma adolescente humana, mas sim de uma mulher jovem e refinada. Com esse novo corpo só podia se transformar em névoa, em neblina, e podia flutuar. Movia-se lentamente, mas já não precisava da velocidade. Passava as tardes em um terraço ensolarado. Abaixo, via-se o mar calmo e muito verde, como um campo. No começo ela quase não falava, e as Luminosas lhe concediam o silêncio. Pouco a pouco lhe contaram suas histórias.

Helena dividia a Casa com quatro Luminosas. A mais decidida e séria, que havia determinado que

seu nome definitivo fosse Helena e se irritava quando ela se comportava como Enxame ("Isso acabou", dissera uma noite, apertando seu braço, quando ela se recusou a treinar como comer), chamava-se Violeta. Havia criado a Lenda de Kurt Cobain. Explicou a Helena que, uma vez que havia entrado na Casa, ela tinha o poder de machucar e o poder da clarividência. "Pode adoecê-los", contara. "Pode ver o que os machuca."

— Fui enviada para seguir Kurt quando ele ainda era muito jovem — contou Violeta, o cabelo tingido de fúcsia, tênis pretos de cano alto e magra feito uma vareta. — Decidi que o estômago ia doer. Não lembro bem por quê. É possível tentar coisas e depois desistir delas, caso não funcionem.

— Eu tentei de tudo, mas o idiota não morria! — interrompeu Gina, a única que sempre gritava e bebia álcool, ainda que o álcool não tivesse nenhum efeito sobre elas e que somente o consumissem quando precisavam imitar os humanos.

Gina havia criado a Lenda de Sid Vicious. Violeta a ignorou.

— Funcionou. Sofria tanto que usava heroína e outras drogas para aplacar a dor; pelo menos no começo. Depois se viciou e tudo ficou mais fácil. Cada vez que tentava se desintoxicar, eu lhe enviava um pouco mais de dor no estômago. Está tudo nos livros, nas biografias, nas entrevistas, em seu diário: nenhum médico jamais conseguiu diagnosticar a causa da dor. Quero que ouça bem: eu podia ter deixado que ele morresse de overdose. Mas, nesse caso, não era suficiente. Helena, nós precisamos de uma Estrela, não de um cadáver. Deixei que tentassem salvá-lo todas as vezes. Deixei que o internassem, que lhe injetassem naloxona para tirá-lo da overdose. Deixei que o mandassem para uma clínica de reabilitação. E então eu intervim. Ajudei-o a escapar. Disse a ele que era fácil pular o muro, mas era mentira, era impossível saltá-lo. Ele conseguiu com a minha ajuda. Dei a ele dinheiro para o táxi e para pegar um avião até Seattle. Passamos uma semana na casa dele. Então tudo ficou imóvel, você vai sentir quando acontecer: não se pode mudar nada. É isso que você deve buscar, Helena: o inevitável. A família

não conseguiu encontrá-lo, um detetive particular não conseguiu encontrá-lo, e ele estava na própria casa! Há um momento em que os atraímos ao nosso mundo, e as regras são as nossas. Eles já não têm poder.

— É maravilhoso — comentou Marianne suspirando, trajada em camisa de seda e com sandálias e colares de conchas que anunciavam seus movimentos, aliados ao tilintar de pulseiras e braceletes que brilhavam sob o sol.

Sentou-se em uma das grandes poltronas da enorme varanda. Ela havia criado a Lenda de Jim Morrison.

— Esse momento, quando se entregam... — prosseguiu ela.

— Kurt nunca se entregou. Queria se matar.

— Isso é mentira. Afinal, foi você quem injetou a heroína com as próprias mãos! Você que deu a ele a espingarda! O que sentiu quando deu a morte a ele? Não foi bonito ver a morte em seus olhos? Aqueles olhos de tantos tons de azul... De alguma maneira, todos se entregam, porque sabem em que se transformarão depois, e nós os conduzimos pela mão até lá.

— Sid também não se entregou — disse Gina.

— Sid era um imbecil — rebateu Marianne.

— É verdade — concordou Gina, sem se ofender. — Nunca se deu conta de nada.

Helena olhava para elas com atenção e timidez, mas finalmente tomou coragem para perguntar:

— Como você criou a Lenda de Morrison?

Marianne sorriu para ela e desviou o olhar para o mar. Da varanda, parecia azul, riscado de cinza.

— Isso, minha linda, eu conto quando você conseguir sua própria Estrela. Não vou te dar o segredo assim de mão beijada!

Gina jogou uma lata de cerveja pela balaustrada e em seguida ouviu-se um grito de reprovação de Marianne. A Casa pertencia a elas havia séculos, ainda que tivesse mudado de forma ao longo do tempo: toda aquela colina junto ao mar era propriedade das Luminosas. Todas as Casas ficavam à beira-mar, explicara Violeta; mesmo as Casas novas eram construídas de frente para o mar. Esta era A Costa. O mar estava no mundo, mas em outro tempo.

— Por que à beira-mar? — quis saber Helena.

— Acredito que em algum momento fomos perseguidas — disse Marianne. — Então fugimos para o mar. Estas foram as nossas guaridas, nossas covas à beira-mar. Também é possível que tenhamos vivido no mar até nos cansarmos. Quando nos cansamos, conseguimos estas Casas. Também nos perseguiam no mar.

— E por que nos perseguiam? — perguntou Helena.

— Os humanos nunca toleraram seres diferentes deles. Muito menos se esses seres vivem para sempre.

O barulho das conchas se acentuou quando Marianne se aproximou de Helena para beijar-lhe a testa. Cheirava a baunilha e fumaça.

— Sempre se entregam — sussurrou. — E é lindo.

Depois desceu a escada branca que levava até a praia. Seu chapéu turquesa de aba larga era enfeitado por uma fita dourada que pendia como uma serpentina.